

INTRODUÇÃO

“Quand un homme parle à un autre
qui ne le comprend pas
et que celui qui parle ne comprend plus,
c’ est de la metaphysique.” (Voltaire, *Candide*)

“Segundo concebo,
a arte é coisa seríssima,
tão séria quanto
a natureza e a religião.”
(Guimarães Rosa)

Sertão, linguagem hermética, regionalismo ou brasilidade, terceira margem, a busca do homem, jogos e criações de palavras... essas seriam algumas idéias que prontamente nos vêm à mente quando surge o nome João Guimarães Rosa. Algumas delas foram esquadrihadas, medidas, pesadas, dissecadas de tal forma e com tal profundidade, que seus resultados acabaram se tornando calcificações junto ao nome do escritor. Apesar de tanto, pouco ainda foi analisado sobre suas anotações pessoais. Seja por escrúpulos ou corrente crítica a ser seguida, quase não encontramos livros sobre o lado íntimo do escritor e como este poderia ter influenciado a sua escrita.

Esta é justamente a premissa deste trabalho: tentar captar, através da análise da correspondência com amigos e parentes, de entrevistas, das anotações pessoais e dos relatos de família, um dos reflexos de João Guimarães Rosa e como esse teria refletido no processo de criação do autor Guimarães Rosa. O reflexo que considero aqui fundamental, tanto para a feitura de sua obra quanto para a sua percepção de vida, de língua e de escrita é o místico.

Prefiro utilizar as palavras místico e misticismo ao invés de esotérico ou esoterismo, por questões de generalização e preconceito embutidos em tais verbetes. Também procuro não fazer uso dos termos religiosidade ou religião, pois estes estão cristalizados em definições de dogma ou doutrina. O que eliminaria, em muitos casos, várias correntes místicas de pensamento estudadas por Guimarães Rosa.

Já a palavra misticismo – e suas variações – possui um caráter mais maleável e abrangente. Ela estaria relacionada tanto ao que está dentro do esotérico quanto ao que está na religião. É uma filosofia de vida que perpassa

seitas, religiões, práticas esotéricas, enfim, uma espécie de essência que estaria presente em todas essas formas espirituais de expressão.

Pretendo falar dessa filosofia que está refletida em diversas áreas de sua vida e conduz seu pensamento acerca da escrita e da língua. É o misticismo presente em Joãozito, enquanto pai, amigo, esposo, irmão, filho, diplomata, que se apresenta em Rosa, o escritor e no seu processo de criação e atinge o ápice no mestre Guima, o autor de obras como *Grande Sertão: Veredas* e *Tutaméia*, que faz do seu ofício também uma forma mística de pensar o mundo, de pensar o homem.

Sabe-se que, quanto à sua vida pessoal, Guimarães Rosa era muito reservado, discreto, o que muitas vezes foi confundido com antipatia ou mau-humor. Segundo sua filha Vilma Guimarães Rosa, ele era uma pessoa que amava demais a sua privacidade e procurava preservá-la com zelo. Mas quando se analisa a obra de um autor como Guimarães Rosa, torna-se difícil não querer entrar em contato com a sua biografia, saber mais sobre o processo de sua escrita e a relação desta com a sua vida. O próprio Rosa, por mais que evitasse, sabia dessa relação sobreposta entre vida e obra: “É impossível separar minha biografia de minha obra.” (Rosa, p.86), por mais que fosse contra se preocupar com o autor¹. Respondendo a uma prima distante que ainda estava no colégio – prima Lenice – e precisava fazer um trabalho sobre seus livros, Guimarães Rosa aconselhou:

Diria apenas a vocês que procurem ler os livros. Vocês mesmas; os livros, em si, é que são importantes. Os autores, não. O autor é uma sombra, à serviço de coisas mais altas, que às vezes ele nem entende. O autor é sempre “bananeira que já deu cacho”. (Guimarães, p.169).

Em algumas ocasiões ele tentou explicar que sua vida não era interessante, diferente do que alguns estudiosos poderiam suspeitar. “Creio que minha biografia não é muito rica em acontecimentos. Uma vida completamente normal.” (Lorenz, p.31). Mesmo quando, silenciosamente, junto da segunda esposa,

¹ Certa vez, antes de iniciar uma entrevista com um jornalista, Rosa perguntou ao entrevistador se já tinha lido algum de seus livros. A resposta foi negativa. Então, Rosa respondeu: “Vai lê-los, então, e depois volte. Interessar deve ao público [sic] apenas uma entrevista sobre os livros e não sobre o particular do autor.” (Guimarães, p.167).

D.Aracy, salvou judeus que fugiam da Alemanha nazista, ou quando sobreviveu a dois bombardeios à cidade de Hamburgo. Para ele nada disso importava, pois o que deveria sempre vir em primeiro lugar aos olhos do leitor eram seus livros, pois seria através da experiência com estes que iriam poder recolocar o mundo no pensamento.

Obviamente, por questões de espaço e tempo, não venho por meio deste trabalho escrever sua biografia, porém ela vai nos surgindo fragmentada, através de vozes diversas, e refletindo o caráter espiritualista que sempre esteve por trás de cada gesto seu, de cada palavra sua, seja dentro ou fora da literatura. É exatamente essa relação que me interessa, esses pequenos fragmentos, estilhaços de imagens, que vão surgindo diante de nós e nos colocam diante de um quebra-cabeça tão fascinante quanto suas obras e tão místico quanto as mesmas.

De peça em peça acabamos encontrado um pouco mais do João² Guimarães Rosa, nascido na semana comemorativa de São João, em 27 de junho de 1908, às 06:00 da manhã, na cidade de Cordisburgo, interior de Minas Gerais, e vindo pelas mãos da sua bisavó Chiquitinha. Joãozinho – como os parentes o chamavam – era filho de Floduardo Pinto Rosa – comerciante e ex-juiz-de-paz – e de Francisca Guimarães Rosa, e quase foi alcunhado de Ladislau, santo do dia de seu nascimento (Costa, p.39). Ele era um menino que teve uma infância solitária, por escolha própria, pois preferia os livros a brincar com os meninos na rua, e um menino cheio de nica – chamado pelo pai de “niquento”. Um jovenzinho que quando ganhou um violino e aprendeu a tocá-lo, fez serenatas no jardim para a namorada e prima Benzinho, e que, anos mais tarde, chegou a vender o instrumento para visitar uma namorada em outra cidade.

Um jovem de caráter simples e considerado genial e de gigantesca cultura, mas que também tinha grande senso de humor e que adorava conversar sobre temas que lhe eram de interesse particular. Um “papai-beleza” – como chamava a filha Vilma – que a levava ao zoológico e ficava misturando o nome dos bichos para ela descobrir de quais estava falando. Um pai, que apesar de não estar sempre presente por causa do seu trabalho como diplomata, quando estava brincava de inventar palavras e pregava peças.

² Em hebraico, significa: “com a graça do Senhor”.

Um homem maduro que queria uma velhice tranqüila, numa fazenda, próximo aos animais que tanto admirava; que não bebia muito e que adorava comer bem – de pratos exóticos à comida mineira. O aparente almofadinha sociável, de elegante gravata borboleta – como atesta Mindlin –, o homem sentimental, amoroso com as crianças, despojado de vaidade, humilde, que tentava seguir uma senda espiritual e deixar como legado às filhas mais do que livros de inestimável valor literário, um legado de nobreza e de humildade, de como conceder o perdão e distribuir alegria e esperança para as pessoas com dificuldade, tudo isso sem esperar nada em troca.

Através das experiências místicas desse homem, quero atingir suas perspectivas de mundo, de literatura, de língua e como estas desaguaram em textos, como correram para dentro de uma literatura própria, rosiana. Quero entender quando ele diz: “Como médico conheci o valor místico do sofrimento; como rebelde, o valor da consciência; como soldado, o valor da proximidade da morte...” (Lorenz, p.31).

Ele queria colocar a sua obra antes de sua biografia, como um pai zeloso que coloca o filho antes de si mesmo, porque são os livros que vão contar alguma coisa, passar ao leitor um conhecimento, o que acreditava não ser possível através de sua biografia. Dessa forma, eram voltadas aos livros toda sua atenção e dedicação³. Era uma pessoa muito metódica e gostava de ter controle sobre tudo, inclusive sobre a publicidade de seus livros. Numa carta de Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1946, escreve ao primo Vicente Guimarães:

A pressa, de corrida, passo a Você [sic] este bilhete, para pedir um favor: a lista de críticos literários mineiros, que Você me prometera fornecer. E que já autorizei o lançamento de SAGARANA, depois de rever as últimas provas, e espero vê-lo pronto a qualquer momento. Quero ajudar um pouco o meu editor, controlando de certo modo a publicidade, coisa importante, que não faltou sequer a bomba atômica... (Guimarães, p.129).

Apenas quando o livro era publicado, é que se colocava como um pai que vê os filhos atingindo a maioridade e deixa-os crescer. Tudo que fazia era

³ Ele era extremamente preocupado com a linguagem dos seus livros. “O que me preocupa e tortura, ao rever as páginas escritas (Sagarana), é a angústia de evitar a chapa, o chavão, a frase-feita.” (BORBA, José. Histórias de Itaguara e Cordisburgo. Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1946. Arquivo JGR-Recortes-USP/IEB).

meditado e analisado diversas vezes, mesmo depois do livro publicado – como aconteceu com *Sagarana*, que teve retoques do autor até a 5ª edição. E como qualquer pai, não aceitava bem as críticas aos seus filhos – colando estas de cabeça para baixo nas páginas de seu arquivo pessoal. Na carta de 11 de maio de 1947, Rosa discute literatura e seu conto “Histórias de Fadas” com o tio Vicente Guimarães. Não gostando da crítica do tio, achava que lera seu conto de forma superficial e rápida e explicou que os trechos que considerara “duros e complicados (...) frases construídas com grande artificialismo” eram, na verdade, jogos de humor que havia feito com o português arcaico da época das navegações, que deveriam contrastar com o que considera “trechos ousadamente hipermodernos”. E ainda explicita o fato de dois intelectuais que vieram ao Itamaraty felicitarem-no por essa passagem (Guimarães, p.133).

Na mesma carta a Vicente relata:

Já estamos nos tempos novos, já estávamos reabilitando a arte, depois de um longo e infeliz período de relaxamento, de avacalhamento da língua, de desprestígio do estilo, de primitivismo fácil e de mau gosto. (...) A palavra de ordem é: construção, aprofundamento, elaboração cuidada e dolorosa da ‘matéria-prima’ que a inspiração fornece, artesanato! (...) O que precisamos é de começar pela raiz, para que a nossa literatura ganhe a seiva e o viço do estilo. Vocês, nova geração literária – e penso, é claro, na Clarice, no João Cabral e outros – estão trazendo para a literatura brasileira esse sentido da forma artística, que irá permitir que apresentemos amanhã ao mundo obras realmente grandes e duradoras.(Guimarães, p.134-6).

A partir desse trecho podemos começar a entender Guimarães Rosa e qual sua relação com a literatura. Ele tinha em mente que a finalidade primeira da obra era “expressar a sua estética própria”, que havia sido perdida com a automatização da linguagem e da própria literatura e que alguns escritores – num furor artesão – estariam conseguindo reerguê-la. Depois que isso fosse conquistado, Guimarães Rosa dava ao artista a permissão de “visar a certos elementos, isto é, ter segundas intenções e motivos marginais.” (Guimarães, p.137).

Partindo desse pensamento, alguns críticos acreditam que o misticismo que surge na obra de Guimarães Rosa estaria alojado à margem e seria apenas um método literário para criar um diálogo intertextual. O intuito desse trabalho é justamente mostrar que o misticismo surgiu atrelado a uma terceira margem de pensamento, a um entre-lugar entre a busca mística e o racionalismo – ou lógica-

cartesiana. E que é desta posição que o escritor desenvolve o seu processo criativo e lingüístico. Não apenas dentro dos diálogos intertextuais, jogos de palavras e metáforas iniciáticas, mas como a sua posição diante da literatura e da palavra. O misticismo não aparece apenas para criar uma espécie de tapatrava⁴ textual, mas uma forma de gerar no leitor um despertar místico – *satori* – e isso seria gerado pela estética do texto, através de um processo de estranhamento. Isso será explicado no último capítulo deste trabalho.

No primeiro capítulo, intitulado: *Joãozinho, o místico leitor e o leitor místico: pelos cadernos da biblioteca de Babel*, procuro retratar o Joãozinho religioso e místico, construído pelos relatos de familiares e amigos e em cartas – principalmente. Quero mostrar como o misticismo rondava a sua vida pessoal e de que forma também pairava em suas estantes de livros – baseada na listagem feita por Susi Frankl Sperber, em *Caos e Cosmos: leituras de Guimarães Rosa*. E, por fim, rumando para um Joãozinho estudioso de misticismo, como isso aparece nos seus cadernos pessoais de anotações – espécies de *hypomnemata* – e nas folhas de papéis avulsas recolhidos na Casa Rui Barbosa e no IEB e apresentados em aula pela professora Marília Rothier Cardoso, no curso de pós-graduação em Estudos de Literatura, na PUC-Rio, no segundo semestre de 2006.

No segundo capítulo, *Rosa, o neófito e a escrita mediúnica*, procuro mostrar o escritor Guimarães Rosa e como suas leituras teriam influenciado o seu processo de criação, ou seja, a sua visão do ato de escrever. O que leva, também, a pensar a sua relação com o idioma.

E no capítulo 3, *Mestre Guima*⁵, *o alquimista da palavra e a estranha linguagem adamítica*, apresento como o misticismo teria influenciado não só o seu processo criativo e a sua vida, como a sua forma de pensar literatura e a linguagem. E relaciono esta última à chamada linguagem adamítica, estudada pelo filósofo Walter Benjamin.

⁴Tapatrava: “palavra misteriosa, espécie de ABRACADABRA mágica, a respeito da qual nem mesmo o nosso Soropita quererá explicar nada.” (Rosa-Bizzarri, p.82).

⁵ Nas cartas trocadas entre Rosa e o tradutor alemão Meyer-Clason, notamos que este chama Rosa, especificamente numa carta de 01 de fevereiro de 1966, de “Caro Mestre e Mago”. Numa outra carta, esta já na correspondência entre Rosa e Bizzarri, o tradutor italiano chama Rosa de Mestre Guima. Não seria de espantar que os dois pensassem Rosa como um grande mestre iniciático nas artes da literatura, da linguagem e até mesmo da magia.

Muito material foi recolhido para este trabalho e muita coisa ainda se encontra não analisada nas estantes do IEB. Por questões de espaço e tempo também não foram possíveis análises diretas entre os livros da estante de Rosa e sua obra. Contudo, ainda não foram descartadas as possibilidades de um trabalho futuro sobre tal montante de informação relacionada à mística de João Guimarães Rosa.